

Das Células aos Ecossistemas

Claudio C. Conti

www.cceconti.com

Nossa relação com o ambiente que nos envolve é mais complexo do que aparenta e, ainda, muito mais instigante.

Com o advento da Física Clássica, elaborada pelo físico inglês Isaac Newton no século XVII, a idéia reinante era de que o ambiente e os fenômenos materiais existiam e ocorriam independentemente dos seus habitantes, a menos que houvesse uma interferência direta.

No início do século XX, entretanto, os conceitos científicos começaram a mudar. A Teoria da Relatividade e a Física Quântica vêm demonstrando forte dependência do denominado “observador” sobre os fenômenos físicos evitando, contudo, afirmar sobre alguma influência psíquica. Atualmente cientistas de vanguarda já contemplam a ação mental como uma possibilidade.

Contudo, a vida ainda continua um mistério e neste turbilhão de conceitos, teorias e vertentes de pensamento, o psiquiatra suíço C. G. Jung expressa brilhantemente a confusão instalada ao dizer: “Sabemos tão pouco o que é a psique quanto o que é a vida. Enigma mais que suficiente para não sabermos até que ponto o ‘eu’ é ‘mundo’ e até que ponto o ‘mundo’ é ‘eu’!”¹. Analisando estas palavras pode-se considerar que não existiria meio de separar o indivíduo do mundo em que vive, pois o ser não apenas habita, mas interage com o meio em diversas formas, seja através da ação física ou mental. A visão integral do indivíduo é uma tendência atual e deverá se fortalecer com o tempo, pois considera o ser e suas relações com o meio.

No século XIX, a Doutrina Espírita veio apresentar o conceito do Fluido Cósmico e da ação do pensamento sobre este mesmo fluido, construindo e desconstruindo estruturas materiais e gerenciando fenômenos físicos^{2,3}. Este novo conceito revoluciona a ideia do nosso universo conhecido ter sido uma criação divina, incluindo tanto a estrutura quanto os próprios fenômenos observáveis ou não, e o espírito André Luiz⁴ esclarece, em maiores detalhes, sobre a construção mental de espíritos muito elevados como engenheiros celestes, diferenciando entre imanência e transcendência de Deus no processo. Esta questão também é abordada por Joanna de Ângelis⁵:

“Todavia, logicando quanto à realidade dos efeitos que pode constatar, de imediato lhe ocorrem as causas que os produzem, verificando que estas por sua vez são efeitos de outras mais remotas, a se perderem além da dimensão atual do entendimento humano.

“Em a natureza encontramos a obra de Deus e a imanência d'Ele manifestada em todas as coisas.

“Imanência e transcendência do Criador próximo e remoto.”

O universo conhecido e tudo de material que nele se encontra é transcendente na medida em que é resultado de algo muito mais elevado do que se tem conhecimento ou que seja possível de ser feito pelo conhecimento atual, portanto, de origem superior. Contudo, a imanência está relacionada com a primeira questão d'O Livro dos Espíritos²; Deus é a causa primária de todas as coisas, porém,

neste caso, de ação indireta, pois a co-criação seria decorrente da ação de espíritos muito elevados que, por assim dizer, são a manifestação direta de Deus.

Ainda com a Doutrina Espírita, o próprio conceito de vida como conhecemos adquire nova perspectiva, passando a ser uma “propriedade” do espírito, ou melhor, seria o próprio espírito se expressando em um mundo material. Este sim, o espírito, seria criação direta de Deus, ainda inexplicável, provavelmente por ser ininteligível ao estado atual da humanidade.

Os planetas em sua origem, isto é, logo após a condensação da matéria inorgânica, apresentaria uma superfície árida e desprovida de qualquer forma viva, onde apenas as leis químicas e físicas regeriam as condições existentes, leis que foram elaboradas e definidas durante o processo de co-criação do universo conhecido. A composição das estruturas para a manifestação da vida também seriam regidas por estas mesmas leis, contudo, não bastam.

Considerando toda a diversidade de orbes e condições do universo conhecido, somado ao ensinamento de Jesus sobre as muitas moradas que foi ampliado e analisado no Cap. III d’O Evangelho Segundo o Espiritismo⁶, conduz à conclusão de que a expressão da vida não pode ser idêntica e, talvez, nem parecida em todos os lugares, necessitando, assim, de trabalho específico para o desenvolvimento das leis biológicas que determinam as características físicas para cada situação.

Observando esta mesma variedade de formas encontradas no universo conhecido, podemos inferir que haja também uma grande diversidade entre os diferentes universos. A ciência já contempla a teoria de multiversos, ou seja, vários universos.

Assim, a partir das leis químicas e físicas de um planeta, são elaboradas as leis biológicas, incluindo todas as regras da genética, regendo a formação dos corpos de expressão segundo o molde mental que o espírito traz consigo e passível de alterações durante a existência física, mantendo o balanço entre mente-corpo-ambiente.

A epigenética, ramo da ciência que estuda a influência do ambiente na atividade genética, vem ganhando terreno, vindo auxiliar no entendimento dos processos envolvendo as enfermidades de um modo geral e o comportamento individual em si mesmo⁷.

Emanuel deixa claro que o processo de elaboração das formas de expressão em um mundo material é realizado em etapas, necessitando a adequação mental dos espíritos para definição da genética, cuja estrutura fundamental é a célula⁸:

“Os fluidos da vida foram manipulados de modo a se adaptarem às condições físicas do planeta, encenando-se as construções celulares segundo as possibilidades do ambiente terrestre, tudo obedecendo a um plano preestabelecido pela misericordiosa sabedoria do Cristo, consideradas as leis do princípio e do desenvolvimento geral.”

“Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços da elaboração paciente das formas.”

Percebe-se, novamente, a ação de espíritos mais evolvidos na tarefa de estabelecer condições e ambiente propícios para que os menos evoluídos possam estagiar em diferentes degraus da senda evolutiva, enfatizando a imanência e transcendência do Pai.

Todo processo de aprendizagem necessita, forçosamente, ser gradual. Se expressar adequadamente num mundo material é uma questão de aprendizado para o espírito. Desta forma,

pode-se compreender a necessidade do espírito estagiar em vários níveis, iniciando no mais simples, até ser capaz dos mais complexos.

Sob esta premissa, podemos também inferir que o ajustamento entre o mental e o material para cada orbe deva ser gradativo. Em outras palavras, a partir de uma estrutura base, estruturas mais complexa vão se desenvolvendo em acordo com o ambiente enquanto este, por sua vez, em decorrência de processos mentais mais aprimorados, se ajusta à forma consolidando, assim, o ecossistema em condições para a manutenção da vida e o surgimento de novos indivíduos.

Como não poderia deixar de ser, estudos desenvolvidos por cientistas de outras áreas além da ciência espírita devem chegar a conclusões semelhantes. Segundo C. G. Jung “teoricamente seria possível extrair, de novo, das camadas do inconsciente coletivo não só a psicologia do verme, mas até mesmo a da ameba.”⁹

Vida, como nós conhecemos, seria a adequação do espírito ao meio que, por sua vez, se adequa ao espírito em constante ajustamento, sempre dentro de leis de interação pré-estabelecidas quando da concepção do universo. Muitas destas leis, algumas foram apresentadas superficialmente e outras em maior profundidade pela ciência espírita, são estudadas e vêm, gradativamente, sendo descobertas e descritas pela ciência acadêmica.

Referências

1. C. G. Jung; *Civilização em Transição*; 3ª edição, Editora Vozes, 2007.
2. Allan Kardec; *O Livro dos Espíritos*; 77ª edição, Federação Espírita Brasileira; 1997(1857).
3. ___; *A Gênese*; 37ª edição; Federação Espírita Brasileira; 1996(1868).
4. André Luiz (espírito); *Evolução em Dois Mundos*; psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira; 15ª edição; Federação Espírita Brasileira; 1997.
5. Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); *Lampadário Espírita*; Livraria Espírita Alvorada Editora.
6. Allan Kardec; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; 112ª edição, Federação Espírita Brasileira, 1996.
7. Bruce Lipton; *A Biologia da Crença*; 1ª edição; Editora Butterfly; 2007.
8. Emmanuel (espírito); *A Caminho da Luz*; psicografia de Francisco Cândido Xavier; 22ª edição; Federação Espírita Brasileira; 1996.
9. C. G. Jung; *A Natureza da Psique*; 5ª edição, Editora Vozes, 2000.